



Resenha

DOI: <http://dx.doi.org/10.22483/2177-5796.2025v27id5344>

IMAGINAÇÃO: REINVENTANDO A CULTURA

Imagination: reinventing Culture

Imaginación: reinventar la cultura

Talita Regina dos Santos Ferreira¹, Flavia Diniz Roldão²



PORTO, Marta. **Imaginação**: reinventando a cultura. São Paulo: Pólen, 2019. 128 p.

¹ Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR | Curitiba | PR | Brasil. E-mail: psitalitarsferreira@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8117-9046>

² Universidade Federal do Paraná - UFPR | Curitiba | PR | Brasil. E-mail: flaviaroldao@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1598-3989>

Na obra *Imaginação: Reinventando a Cultura*, Marta Porto (2019) apresenta por meio de 13 ensaios, diversas oportunidades de reflexão acerca das mudanças que o mundo atual tem apresentado. Destaca a cultura como uma via potente para reinventá-lo, uma vez que pode ser considerada o sustentáculo das cosmovisões humanas. A autora é jornalista, mas para além disso, tem desenvolvido um vasto trabalho e contribuído na área da cultura, do desenvolvimento, do imaginário social e da democracia. É colaboradora de programas das Nações Unidas nos quais desenvolve projetos voltados para a democratização das artes, comunicação cultural e engajamento social.

O livro está dividido em três atos, nos quais destaca aspectos fundamentais para a compreensão da cultura e sua importância para a firme consolidação da democracia. No primeiro ato intitulado "Sobre Artistas: pílulas de inspiração" (p. 14-36), a obra apresenta uma coletânea de quatro ensaios. No ato primeiro é possível ter o contato com três declarações que a autora considera possibilidades relevantes para promover a avalanche cultural, noção que refere à oportunidade de acesso à arte em todos os espaços nos quais a subjetividade humana se faz presente. Sustenta a importância da poesia e da literatura que, por meio da palavra-metáfora, revelam a vida. Afirma a relevância da imaginação, entendida paradoxalmente como princípio da geração e da destruição, como fundamental para a vida humana, e por isso, requer ser incentivada. Revela que a imaginação é responsável por criar uma onda de novas ideias que não sejam somente tecnológicas, mas também de pensamentos e criações livres de modelos preconcebidos, sendo urgente imaginar outras formas de nos relacionarmos com o mundo e de conviver harmoniosamente conosco e com a natureza. Afirma também a importância da alegria, e apresenta a percepção de que somos afetados o tempo todo por informações que nos afastam das coisas e não nos permitem sentir. Dá continuidade às reflexões expressando que numa dimensão imaginativa a palavra fronteira se relaciona com a arte, e por isso, carrega em si três noções fundamentais: originalidade, sinceridade e autenticidade. Toda arte, nesse sentido, é criada dentro de um território simbólico, ou seja, dentro de uma fronteira. Dialoga com Illya Prigogine ao citar uma afirmação feita ao historiador da arte Hans Ulrich Obrist (2009, p. 182) em entrevista, na qual afirma que "O universo em torno de nós é apenas um exemplo de universo possível". É lícito compreender que a arte traz para o mundo real uma das variáveis na qual a realidade concreta se apresenta, ou seja, oferece uma variedade de desigualdades que em sua essência criam uma combinação de cores, sons, traços, gestos entre outros, que possibilitam sua abertura para o novo.

Para a autora, a arte tem como característica o rompimento com ideias pouco criativas e pouco curiosas. A partir das reflexões anteriores, Porto articula as ideias presentes nos dois primeiros ensaios ressaltando que o desafio deste tempo é ser poeta, no sentido de afirmar a necessidade da beleza da vida para além dos acirramentos e confrontos diários. Destaca que os artistas nos possibilitam inspirações para o futuro e que quando nos confrontos e acirramentos rompemos com os símbolos que garantem sentido, evocamos as produções artísticas para religar-nos a eles. Essa

religação acontece geralmente nos espaços culturais que são entendidos como lugar de constituição de experiências, a partir do contato com atividades que afetam os sentidos e permitem promover emoções. No entanto, a constituição de um espaço cultural tem sido um desafio, tendo em vista os conflitos existentes na atualidade e que afetam o campo do imaginário social. Pensar espaços culturais nos impõe pensarmos que quanto mais complexas e difusas as questões culturais, mais limitados são os instrumentos de enfrentamento a elas. Nesse sentido, é preciso investir em noções criativas e criadoras a partir das ciências sociais e políticas, para assim oportunizar novas formas de criação e fruição que colaborem para ressignificar a noção de espaço cultural. É nele que fazem morada a imaginação, o sonho e a criatividade, permitindo a expressão da subjetividade, que é sustentada pelo sistema de crenças e que garante a existência de espaços culturais.

No segundo ato desta obra nomeado como “Política, cultura e imaginário social: artigos e discursos” (p. 34-125), a autora apresenta como ideia central, nos sete ensaios que o compõem, a necessidade de reinventar a cultura a partir da proposta de democracia cultural com investimento em Políticas Públicas que possibilitem a arte como estratégia de enfrentamento da perda da imaginação nos processos culturais. Afirma que é preciso entender a democracia como um regime político, reconhecendo-a com um valor que permite fazer cumprir os direitos de cidadania, nos quais as políticas públicas devem priorizar a construção de um imaginário social de entendimento, luta e crítica pelos direitos democráticos. Dessa forma, a política cultural deve ser pensada como eixo da democracia e da formação cidadã, no sentido de colaborar para fundar um imaginário social que legitime os pilares democráticos. Assim, a cultura possibilita a saída da lógica da vulnerabilidade e nos permite implicar o cidadão nos problemas do país e do planeta, auxiliando a forjar uma mudança social.

Por meio dessa visão percebe-se a potência das políticas culturais, bem como, a sua influência para a formação estética, afetando a subjetividade e promovendo o desenvolvimento humano. Tais políticas funcionam, então, como espaço de resistência, transgressão e oposição, abrindo oportunidades para refletirmos sobre a renovação dos direitos humanos à fruição da cultura e, concede-nos autonomia. É nesse campo que a estética se encontra com a política, promovendo condições nas quais a liberdade pode ser entendida como um valor e as artes como potenciais para a vida. Vida sobre a qual é preciso atuar, por meio de espaços de criação, debate, crítica, experimentação e invenção. Sugere que tal ação esteja ancorada em quatro dimensões: memória, imaginação, pensamento e linguagem, de forma a ampliar as oportunidades de acesso ao campo das artes.

Afirma-se assim, que na diversidade cultural estão contidas as diferenças que não devem ser apagadas, mas, a forma como são tratadas pelos governos, determinam se essa condição terá como resultado a criatividade social, a violência ou a exclusão. A desigualdade econômica, por exemplo, conduz a menos oportunidades de acesso à cultura e à educação. Para superar isso, é preciso que os ecossistemas culturais estejam engajados no desenvolvimento de ações dentro de eixos centrais: democracia,

sustentabilidade e liberdade incondicional para as artes e os artistas. A partir dessa reflexão, Porto enfatiza a urgência, por assim dizer, de que nossa capacidade de imaginação seja reorientada para transformar as crenças que nos ajudam a dar sentido ao mundo a fim de reinventá-lo, e as políticas culturais são uma fonte potente para a realização deste trabalho.

Para a autora é fundamental compreender que arte é arte e não pode ser entendida como meio; que nem toda cultura deve ser preservada, uma vez que ela define valores e crenças dentro de um determinado tempo histórico, mas, paradoxalmente, não existe democracia política sem democracia cultural. É ainda fundamental perceber que desafio no mundo globalizado é compreender que a mudança cultural tem de produzir comunicação em seu sentido amplo, enquanto promoção de desenvolvimento e subjetividade. É importante criar um ecossistema cultural que inclua espaços culturais, defender e apoiar a liberdade artística de forma incondicional, e institucionalizar essa liberdade como pilar da democracia política, bem como, organizar um novo estatuto para a diplomacia cultural por meio de uma nova compreensão de redes de cooperação. Sendo assim, a diplomacia cultural tem como princípio dar significado à cultura dentro deste tempo de mudança, funcionando como orientadora para as transformações desejáveis, assumindo o compromisso de defesa da ética, com a proposta de pensar alternativas onde a ideia de estar junto tenha significado humano, financiando condições para uma nova ética cultural global que nos permita a indignação, a rebeldia e a revolta como possibilidades potentes de nos conduzir a outro lugar. Se a cultura realmente importa, é preciso pensar em mecanismos ativos que possibilitem reinventar as noções que usamos para refletir sobre os desafios contemporâneos, e, superá-los por meio da elaboração de novos projetos políticos e de gestão. Para formar uma sociedade é preciso cultura e comunicação. Se a comunicação não serve para propor reflexões a fim de melhorar a qualidade de vida das pessoas com informações que podem ser utilizadas em seu cotidiano, ela não alimenta a alma e nem faz pensar. Assim se sustenta o vazio político em que não há formação de cultura para possibilitar às pessoas atuarem e reinventarem a sociedade.

Vale destacar que as mudanças do século XXI possibilitam maiores conexões a partir do acesso às tecnologias, no entanto, mudanças ainda são necessárias em relação à cultura, uma vez que há a necessidade de conectar-se a um imaginário nascente, criativo, sensível e liberto, que promova políticas culturais. Nesse sentido, é importante pensar no imaginário como fonte da vida social, que permita conectar o sujeito com o seu tempo histórico e com os valores de sua época. Atualmente, vivemos um período de relações fluídas que impactam na educação, na cultura e no posicionamento das pessoas. Parece ser relevante reencantar o humano ampliando por meio de ações da cultura, a subjetividade dos sujeitos e as relações simbólicas sobre si e o mundo. Para isto, proporcionar diferentes experiências desde a infância, pode ser uma via frutífera. Bem como, inovar, superando as desigualdades sociais na cultura e operando com estratégias que permitam o diálogo com as linguagens ainda

desconhecidas, que garantam a memória e a experimentação. As políticas de cultura podem inspirar-se no poder da criatividade e da inovação.

Tendo em vista todos esses desafios que são apontados anteriormente por Marta, o leitor é desafiado a refletir: Por onde inaugurar ações para superá-los? Este pode ser entendido o intuito da autora no último ato, nomeado como "Atuar". Porto afirma que é preciso ampliar a percepção de cultura na escola enquanto ludicidade e entretenimento, e, investir em ações que integrem as linguagens artísticas para desenvolver habilidades dentro de quatro dimensões nas quais, arte e literatura, podem colaborar ativamente. No primeiro ensaio deste ato ela destaca como dimensões a educação em valores (alteridade); o lugar da experiência criativa (liberdade); o domínio de habilidades cognitivas complexas (competências), e a compreensão dos signos nos tempos em que se vive (cultura). Destaca que as artes formam para a vida, e os grandes agentes de mudança, nesta perspectiva, são os espaços culturais e a escola, pois assumem como função o ensino e o desenvolvimento da capacidade de criação, apostando na imaginação como pilar educativo para reinventar crenças, tirando a sociedade do comodismo e da repetição. Para alcançar esse objetivo, a autora salienta que existem uma série de projetos sendo pensados com a finalidade de mediar a relação das pessoas com a arte, estes destacam a arte como um trabalho potente que compartilha de uma energia criativa e representam uma possibilidade para a construção de cidadania cultural.

Destacamos que autora é assertiva quando expressa em sua obra as possibilidades de reinventar a cultura a partir da valorização dos processos imaginativos e criativos. É fato que a atividade criadora, tem em sua dimensão a possibilidade de ampliar as relações que as pessoas estabelecem com a sua realidade, no entanto, para que essa habilidade seja consolidada, a conquista no investimento em Políticas Públicas que garantam a manifestação de diferentes linguagens em variados espaços culturais, é uma necessidade.

A partir da reflexão proposta na obra, cabe refletir: Quais seriam os espaços culturais, nos quais, o contato com esses diferentes tipos de linguagens pode ser ampliado? Pela discussão argumentada no livro, os espaços culturais são todos aqueles em que a cultura atua em prol da democracia, da liberdade e da autonomia. Valores esses que são fundamentais para a sociedade. Marta Porto aponta no texto que a cultura importa, no sentido de proporcionar o acesso a diferentes linguagens que são responsáveis por formar um imaginário social que nos permita dar um novo sentido ao mundo e, assim reinventá-lo. É fato que a imaginação é fundamental para esse processo, mas sem oportunidades culturais, a resolução de problemas sociais se torna menos efetiva. Indagamos se não seria algo urgente o estabelecimento de estratégias que possam ser ampliadas para além do acesso à cultura presente nas periferias, mas que proponham o enfrentamento desse desafio e, possibilitem aproximar as populações - todas - às diversas formas de cultura, colaborando ativa e democraticamente para uma cidadania cultural, na qual as ações políticas entendam as artes como oportunidades de desenvolvimento individual e coletivo.

Um dos caminhos possíveis para a superação do desafio de acesso à cultura apontado por Porto, diz respeito à educação, mas não como a concebemos dentro de uma formalidade pedagógica, e sim como possibilidade de ampliação de acesso aos espaços culturais, as diferentes linguagens artísticas, ao desenvolvimento educacional como espaço de criação potencializado pela imaginação contextualizada com a realidade do mundo. Nesse sentido, reinventar a cultura é um desafio que exige de cada um de nós, imaginação, e para além disso, investimento em frentes na área da educação, da tecnologia e da política, entre outros, sem esquecer daquilo que nos enriquece enquanto cidadãos, nossas relações. Estas, abrem possibilidades de reinvenção da cultura a partir da atuação coletiva e em prol da construção de uma civilização democrática.

REFERÊNCIAS

OBRIST, Hans Ulrich. **Entrevistas**. Rio de Janeiro: Cobogó; Belo Horizonte: Inhotim, 2009. v. 1.